



CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DA CONSTRUÇÃO DE FALSA CÚPULA EM PORTUGAL: A *MALHADA* DE PORCOS NO CONTEXTO AGRO-PASTORIL DA BEIRA BAIXA

João P. F. Salvado^{a,b}

^a Universidade da Beira Interior (UBI), Departamento de Engenharia Civil e Arquitetura (DECA), Calçada Fonte do Lameiro, 6201-001, Covilhã, Portugal, joao.pedro.salvado@ubi.pt

^b GeoBioTec-UBI, Geobiociências, Geoengenharia e Geotecnologias, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal

RESUMO

Esta comunicação é motivada pelo desconhecimento em torno duma estrutura não habitacional destinada ao abrigo de porcos na sub-região da Beira Baixa, cuja existência é escassamente documentada pelas mais importantes publicações dedicadas ao assunto. Tendo como objetivo o seu reconhecimento no âmbito das Histórias da Arquitetura e da Construção portuguesas, a investigação traça o perfil da *malhada* de porcos beirã considerando o meio concreto em que progride, função, morfologia e materiais recorrentes, e tipos de cobertura. Como tal, definiram-se três estruturas num universo de meia centena de *malhadas* conhecidas na região, desde Castelo Branco até Penha Garcia, que foram posteriormente analisadas ‘in loco’ mediante levantamentos geométricos, fotográficos e descritivos.

Como ponto de chegada, as construções erguem-se em alvenaria de granito, xisto ou mista, orientadas para o meridiano sobre jazigos minerais. São conformadas por séries de *furdas* organizadas numa planta em «U», *rebolim*, *dobradeira* e casa do *porqueiro*, apresentando na amostra observada dimensões entre 15 e 39 m de comprimento. Assinala-se nas *malhadas* uma morfologia preeminente em toda a região, e os telhados são de duas águas ou em falsa cúpula. Conservam-se maioritariamente isoladas na paisagem, em meio ao *montado* de sobro, exibindo muitas ruína iminente ou consumidas por vegetação cerrada.

Palavras-chave: Construção, tecnologias construtivas tradicionais, falsa cúpula, *malhada*, Beira Baixa



1 INTRODUÇÃO

Tendo em conta o incremento da investigação publicada nas últimas décadas sobre arquitetura vernacular, em grande parte motivado pela valorização dos seus ensinamentos na conjuntura atual, a *malhada* de porcos enquadra-se no grupo das manifestações arquitetónicas que, não sendo genuinamente habitacionais, menos contributos inspiram a seu respeito, sabendo-se pouco acerca dela. Na História da Arquitetura e da Construção portuguesas são demais conhecidas as incursões em território nacional (peninsular e insular) que desde a década de 1940 com o «Inquérito à Habitação Rural» (Barros, 1942, 1947), (Basto e Barros, 1943), (Basto *et al.* 2012), «Arquitectura Popular em Portugal» (Távora *et al.* 1961) e as Arquitecturas Populares dos Açores (Tostões *et al.* 2000) e da Madeira (Mestre, 2001) ou, mais recentemente, com “From popular to contemporary: A review on Portuguese vernacular architecture” (Salvado *et al.* 2019) e «Arquitectura Popular em Portugal: Tecnologias construtivas tradicionais na contemporaneidade» (Salvado, 2021) permitiram visitar as condições de habitabilidade da casa rural (Salvado, 2021, p. 23), confirmar a sua expressiva variedade tipológica, construtiva e material no país, e avaliar as transformações imediatas por que passou em setenta anos. A generalidade dos estudos, todavia, não se debruça sobre este tipo de edificado. Nas produções já referidas apenas se regista a captura fotográfica de uma *malhada* de porcos (intitulada «curral para porcos»), entre Monsanto e Medelim, durante os trabalhos de campo para o «Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa» [IARP (1955-1960)] da equipa da «Zona 3 Beiras». A soma do conhecimento mais detalhado relativamente a estruturas produtivas como a *malhada* aparece reunida nas múltiplas e diversificadas pesquisas com que Benjamim Pereira, E. Veiga de Oliveira, Fernando Galhano, Jorge e Margot Dias renovaram os estudos etnográficos em Portugal a partir de 1947 (Oliveira e Galhano, 1992). São exemplo disso o trabalho produzido em «Os Espigueiros Portugueses» (Dias *et al.* 1963), «Pisões Portugueses» (Oliveira e Galhano, 1977), «Sistemas de Moagem» (Oliveira *et al.* 1983), entre outros. A *malhada* encontra a sua fundamentação prática no termo das «construções de planta quadrangular», na obra «Construções Primitivas em Portugal» (Oliveira *et al.* 1969, p. 264), embora algumas publicações dedicadas à Zootecnia (Andrade, 1969) se ocupem dela como elemento fundamental de um dos três regimes tradicionais de criação suína identificáveis em Portugal pelo menos até finais da década de 1950 (Fernandes *et al.* 2008, p. 1). Ainda assim, para além da manifesta escassez de referências a este assunto, a literatura mencionada não reflete o estado atual destas construções, especialmente quando consideradas na sub-região da Beira Baixa.

O objetivo desta comunicação é, pois, o reconhecimento da *malhada* de porcos tradicional beirã (em alvenaria de xisto, granito ou mista) enquanto produto construtivo sustentável da cultura/economia rural campesina que subsiste mais ou menos incólume até à entrada nos anos 70 do século XX português. Simultaneamente, este é um contributo que releva os estudos da falsa cúpula em Portugal, já que só há pouco tempo a perspetiva beirã neste domínio foi retomada ao abrigo da Tese de Doutoramento «Construções em falsa cúpula: Elementos arquitetónicos de uma identidade vernácula na Beira Baixa», em curso na Universidade da Beira Interior, Covilhã. Por seu intermédio procede-se à localização e inventariação deste património abandonado na área correspondente à sub-região da Beira Baixa (ao longo de cerca de 3748 km²), nesta fase em avançado estado de execução. No presente artigo, o conhecimento aprofundado da *malhada* desenvolve-se através de análises convencionais (gráficas e descritivas) dos diferentes casos identificados/observados no terreno (entre eles um em falsa cúpula), desde o sopé da Serra de Penha Garcia até aos arrabaldes a nordeste da cidade de Castelo Branco, num raio conjunto de aproximadamente 40 km.



2 A DIMENSÃO AGRO-PASTORIL DO PORCO EM PORTUGAL

2.1 ENQUADRAMENTO

De acordo com alguns autores, deve-se aos Romanos a difusão em grande escala da criação de porcos, que se consolida em Portugal durante o seu domínio (Pratas, 1929, p. 6). Já no séc. I a. C., o geógrafo de Amásia Estrabão localiza a produção energética de bolota na Ibéria, circunstância que deverá ter facilitado e impulsionado a atividade suína na península desde muito cedo (Deserto e Pereira, 2016, p. 49). Embora o porco se crie de norte a sul do país, as assimetrias regionais determinaram sistemas de exploração próprios. Até meados do séc. XX vigoraram em Portugal três regimes de criação do porco: pastoril (Figura 1), estabular (Figura 2) e misto. No pastoril, definido pela estrita área florestal que cobre as regiões da Beira Baixa, Alentejo e Estremadura espanhola (*montado* de sobro e azinho), o porco atravessava os campos em busca dos frutos (bolota/*lande*) que lhe serviam de alimentação quase única ao longo da *ceva* no *montado* (sistema de *montanhaeira*), onde pernoitava (Andrade, 1969, p. 82). No estabular, nas zonas cuja situação não permitia a criação do porco em total liberdade (Norte e Algarve), a engorda fazia-se em cortelho/estábulo. No misto inscrevem-se os casos descritos no regime pastoril em que a *piara* (vara), por seu turno, recolhia à *malhada* no final do dia. Cada uma destas formas de exploração compreende também diferentes tipos de porcos, porquanto «uma raça é sempre o produto da adaptabilidade de um grupo de animais da mesma espécie a um meio» (Pratas, 1929, p. 13). Assim, o porco Bísaro circunscreve-se às regiões do Norte e Centro, nas suas variantes Galega (branca) e Beirã (preta), e o porco Ibérico, nas suas variantes Alentejana e Algarvia, à região do Alentejo. Não obstante a semelhança no meio e no regime em que a variante Beirã e a Alentejana progrediram (apesar de nelas habitarem raças diferentes), a charneira dos principais solares porcinos portugueses encontra a sua raiz no Vale do Tejo, na variante Ribatejana, e não na Beirã, como se poderia intuir.



Figura 1 – Pastor com *malhada* de porcos, s.l., s.d. Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora, PTAFCME AF/VPC/4011/175

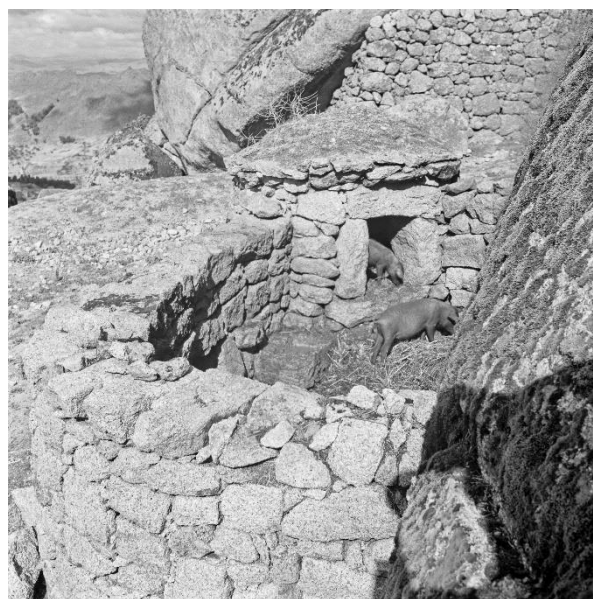


Figura 2 – Casa de porco. "Furda e curral", Monsanto, Idanha-a-Nova (1955). *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa (1955-1960)* ©Ordem dos Arquitetos, OAPIX, PT-OA-IARP-CTB-IDN07-016



3 A(S) MALHADA(S)

3.1 CARACTERIZAÇÃO MORFO-TIPOLOGICA

Cumpra estabelecer que a *malhada* é consequência do tipo de exploração mista de porcos. Desde a década de 1920, o regime exclusivamente pastoril declinava, segundo Pratas (1929, p. 61), às mãos do crescimento urbano que afetava a produção de bolota no *montado* e a capacidade dos suicultores para determinar o volume produtivo das suas árvores («*encabeçamento do montado*»). A título de exemplo, para *cevar* cada porco em regime pastoril eram precisos 500 kg de bolota de azinho ou 650 kg de bolota de sobro (Pratas, 1929, p. 63). Desta feita, as varas de porcos das criações extensivas passaram a depender de rações suplementares que lhes eram sobretudo administradas nas épocas mais fracas de pastagem (Pratas, 1929, p. 61). A *malhada* tem aqui a função de abrigo temporário (noturno), no qual se congregava a vara retornada dos campos ao entardecer.

A compleição da *malhada* abrange duas formas distintas, de acordo com o tipo de suínos nela contidos: porcos que não criam (*varrascos/varrões*) e porcos de criação. A primeira, entretanto desaparecida, descrevia um amplo recinto curvo limitado por uma cerca construída aproximadamente 1,60 m a prumo do chão apenas com materiais vegetais (piorno e esteva) em local seco e recolhido. No seu interior guardavam-se «*bácoros, alfeires e porcos de vara ou farroupos*» (Andrade, 1969, p. 50). Lembrando capelas radiantes na cabeceira de um templo, à volta da cerca erguiam-se múltiplas cabanas de cobertura cónica, conhecidas por *curveiros*. O recinto era completo por pequenas dependências próximas da *malhada* onde o pastor habitava, cozinhava, fazia queijo ou guardava o burro e as galinhas (Figura 3). Oliveira *et al.* (1969, p. 264) também referem este tipo de *malhada* como possível abrigo de cabras, que levava cerca de 15 dias a levantar e era renovado a cada cinco anos (Oliveira *et al.* 1969, pp. 271-272).

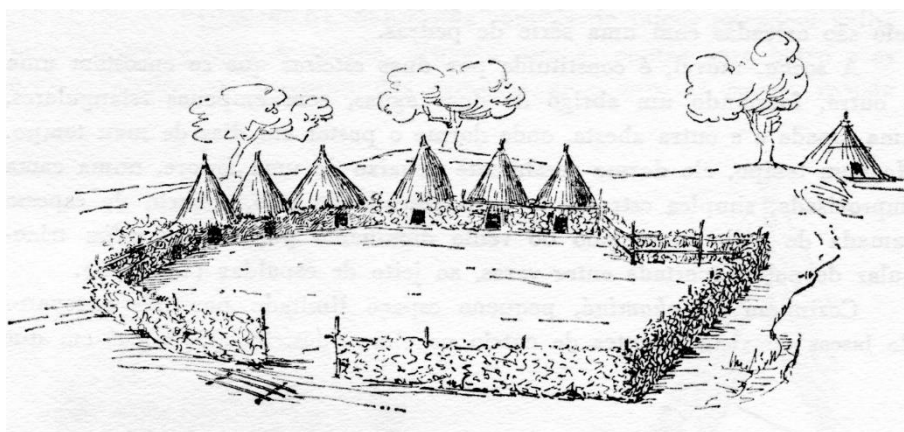


Figura 3 – *Malhada* de cabras. Aspeto geral, Beirã, Marvão. (Oliveira *et al.* 1969)

A segunda apresenta outra conformação, reflexo do zelo merecido pelos seus ocupantes. A ela se destinavam a porca de reprodução, criadeira ou *marrã* e a respetiva ninhada de leitões. Orientada geralmente para o quadrante com mais exposição solar, esta *malhada* organiza-se ao longo dum pátio delgado e comprido (*rebolim*), flanqueado por séries de pequenas unidades (*furdas*) quadradas/circulares em alvenaria de pedra natural (Figuras 4, 5 e 6) cobertas por tijolo, colmo ou falsa cúpula (Figura 7). Na extremidade sul rasga-se uma estreita abertura por onde os leitões acediam à *malhada*, ao passo que na diametralmente oposta (norte) se acomodava, em compartimento próprio adossado à estrutura (*dobradeira*), a *marrã* (Andrade, 1969, p. 69). Contígua à *malhada* fica sempre a



casa do guardador da vara (*porqueiro*). O conjunto integra-se num arvoredo (*acarro/acarradouro*) que proporcionava sombra aos leitões durante as primeiras saídas para o campo (Andrade, 1969, p. 51).

A razão da originalidade da *malhada* não está apenas no formato curioso e amplo da estrutura, que pode chegar a medir oitenta metros de comprimento, em casos superlativos, e quinze, nos mais simples. No quadro das construções europeias em falsa cúpula não há notícia duma estrutura idêntica na forma, função e circunstâncias do meio em que se implanta à *malhada*. Na obra “Corbelled Domes” (2012), Renate Löbbecke faz referência a um «invulgar» complexo de planta em «U» localizado a sudoeste da cidade grega de Vólos, no sopé do Monte Velanidia (Löbbecke, 2012, p. 321), mas não são claras as suas origens e respetivos usos, dividindo-se as opiniões entre a possibilidade de ser um túmulo otomano, um armazém de proventos agrícolas ou uma série de residências para trabalhadores rurais.

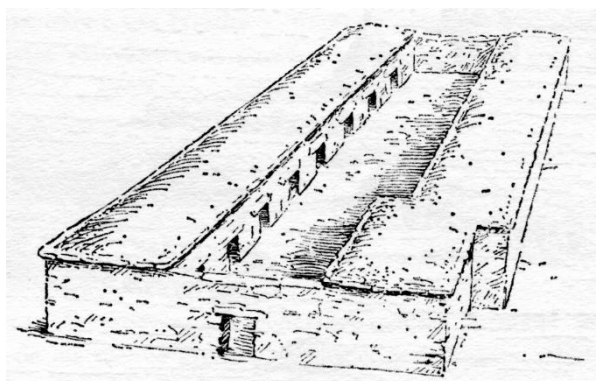


Figura 4 – *Malhada* de porcos, Salvaterra do Extremo, Idanha-a-Nova. (Oliveira *et al.* 1969)



Figura 5 – Uma *malhada*, cerca de 1920 (Montijo e Tanto Mar, 2013)

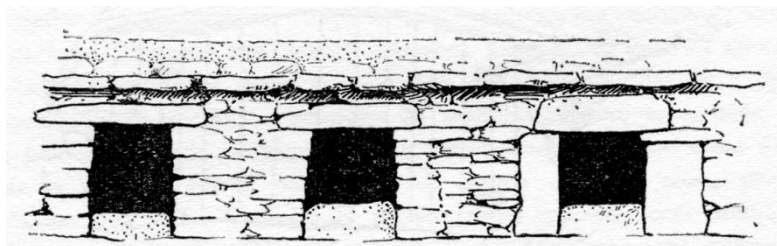


Figura 6 – Entrada para as *furdas*, Salvaterra do Extremo, Idanha-a-Nova. (Oliveira *et al.* 1969)

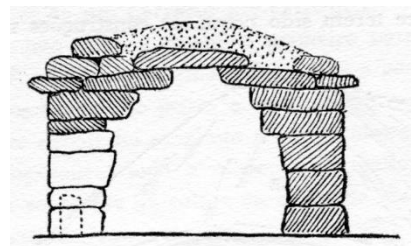


Figura 7 – Corte de uma *furda*, Salvaterra do Extremo, Idanha-a-Nova. (Oliveira *et al.* 1969)

4 A MALHADA BEIRÃ

4.1 LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO REGIONAL

Muitas vezes, a *malhada* de porcos é tida como expressão tão bem reconhecida do e no panorama sulista português, que se desconhece/ignora a sua presença e importância noutras regiões com caracteres de paisagem idênticos aos alentejanos.

Os exemplares observados situam-se na Beira Baixa, província histórica da região Centro (NUTS II) de Portugal peninsular balizada a norte pela subdivisão de Beiras e Serra da Estrela, a este por Espanha,



pelo Alto Alentejo a sul, Médio Tejo a sudoeste e Regiões de Leiria e Coimbra a oeste/noroeste. A Beira Baixa marca a transição das terras altas do Norte do país para os plainos do Sul, produzindo e assimilando circunstâncias que lhe conferem um cunho notadamente heterogéneo. Xisto e granito compõe os solos da região, revezando-se na orografia pouco acidentada que até há bem pouco tempo se via coberta pelas culturas autóctones que caracterizam o *montado* do tipo alentejano. Atualmente, a revolução nos processos agropecuários, altamente mecanizados, a introdução e exploração intensiva de culturas não-nativas nos locais ou, pelo contrário, o simples abandono dos campos, têm acelerado a transformação da paisagem rural, onde as *malhadas* são uma reminiscência de um modo de aproveitar os recursos em ruínas.

4.2 ESTUDOS DE CASO

A localização absoluta das *malhadas* é incerta, tanto que a identificação e seleção dos objetos analisados supôs um esquadrinhamento inicial da zona em apreço, facilitado pelo conhecimento abrangente da situação beirã neste domínio. Os exemplos a seguir pertencem na totalidade à segunda morfologia descrita em cima, exibindo apenas como factor distintivo entre eles diferentes soluções de cobertura, escala e materiais.

Chegou-se à primeira *malhada* pela EN239, a caminho de Penha Garcia. A construção localiza-se no contorno exterior do recinto de Senhora da Azenha, nas coordenadas 40°01'15"N 7°03'20"W, integrada num complexo de criação bovina. Orientada para sudoeste, a estrutura atinge 39 m de comprimento por 6,60 m de largura, erguendo-se em alvenaria mista de xisto e granito, com prevalência do primeiro material. O granito incorpora sobretudo os cunhais e ombreiras da abertura na extremidade sudoeste (Figura 8), pela qual se deveria aceder. A entrada na construção vê-se, contudo, vedada por cerca de arame e vegetação densa (silvas e um sobreiro germinado em pleno *rebolim*), que não permitiram contabilizar as *furdas* no interior. As células apresentam planta quadrangular (Figura 9), com paredes de 80 cm de altura. O arranque da cobertura ocorre a partir das *cápeas*, sendo esta formada por lajeado de xisto sobreposto em duas águas (Figura 10). O estado da estrutura é precário, considerando a ausência de cobertura nalgumas *furdas* e a vegetação que lentamente a consome. A este da *malhada* identifica-se, na mesma disposição de xisto e granito, a casa do *porqueiro* e a sudoeste outra construção longilínea, mais recente, onde a criação atual do porco deverá manter-se.



Figura 8 – O granito presente no acesso à *malhada*, Penha Garcia, Idanha-a-Nova. (Salvado, 2024)



Figura 9 – Aspeto interior de uma das *furdas*, Penha Garcia, Idanha-a-Nova. (Salvado, 2024)

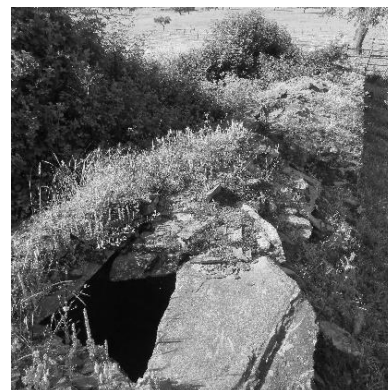


Figura 10 – Aspeto da cobertura de um dos braços da *malhada*, Penha Garcia, Idanha-a-Nova. (Salvado, 2024)



Seguiu-se por Monfortinho, pela EN240, em direção a Salvaterra do Extremo. Em Salvaterra, é primeiro de notar o imenso legado construtivo que a criação do porco deixou na aldeia, rodeada por seis núcleos de *furdas* em falsa cúpula na ordem das 130 estruturas (Salvado, 2023, p. 133). Ao contrário do que anteriormente se pensava, «os números mais significativos de *furdas* em falsa cúpula» na Beira Baixa não se ficam pelos aglomerados de Monsanto e Salvaterra do Extremo (Salvado, 2023, p. 132). O primeiro é ultrapassado em muito aliás pela numerosa quantidade de *furdas* existentes nas aldeias à volta do monte-ilha. E em Penha Garcia confirmou-se, de facto, a presença singular da *furda* em falsa cúpula na margem direita do Rio Pônsul, ainda que em menor proporção. Mas também em Malpica do Tejo e Zebreira. Para além de *furdas*, Salvaterra do Extremo conserva bons exemplos de *malhadas*, maioritariamente em falsa cúpula, no cruzamento para a povoação e nos terrenos circunvizinhos do setor este, sul e oeste.

O segundo estudo de caso fica na saída para os campos a que leva uma *canada* (caminho murado) com origem na igreja e cemitério antigos de Salvaterra. Ao cabo de meio quilómetro, a estrutura aparece implantada sobre afloramentos graníticos, nas coordenadas 39°52'51"N 6°54'20"W, virada para sul. Com cerca de 15,2 m de comprimento por 6,85 m de largura, a *malhada* alberga 12 *furdas* de planta circular e cobertura em falsa cúpula, com paredes inteiramente de granito que medem 1,10 m de altura. A opção pelo sistema de falsa cúpula está em linha com o matiz circunstancial em que esta tecnologia construtiva se desenvolve, por via de regra nas regiões mais isoladas e de incrementação arcaica. Nas *malhadas* em falsa cúpula, o elemento formado pela sobreposição em seco e a prumo do aparelho da abóbada em anéis mais ou menos concêntricos e gradualmente menores até ao pino (a *calota*) encontra-se coberto de terra. O conjunto das estruturas deste tipo são designadas, conforme alguns autores, por «edifícios em falsa cúpula com montículo», morfológicamente comparáveis aos túmulos de corredor das culturas micénica e etrusca (Barros *et al.* 2016, p. 495). Embora também se refira que a grande maioria das arquiteturas vernaculares de falsa cúpula no contexto português entrose nos «edifícios sem montículo», a variação «com montículo» prolifera por essa que é a morfologia geral em toda a Beira Baixa¹, e que ademais se observa nos abundantes *chafurdões* do Alto Alentejo (Oliveira *et al.* 2018, pp. 72-80) e nas *malhadas* localizadas/descritas simultaneamente por Oliveira *et al.* (1969, pp. 273-276) nas sub-regiões do Alto Alentejo e do Alentejo Central. Na morfologia predominante, a estrutura da base encontra-se demarcada da observada na cobertura por um renque de *cápeas* (pedras salientes) que remata a parede e a partir do qual, por vezes, arranca a abóbada (Figura 11). O revestimento com terra proporciona uma barreira eficiente contra a água das chuvas, enquanto a flora rasteira que germina à superfície concorre para a estabilização da cobertura com as suas raízes (Oliveira *et al.* 2018, p. 55). Esta é uma adaptação com especial relevância nos porcos de engorda, resguardados preferencialmente em «regime celular e de meia obscuridade» (Andrade, 1969, p. 50), pois sentem intimamente as oscilações súbitas de temperatura (Salvado, 2023, p. 134). O resultado são estruturas perfeitamente integradas no local de implantação, que chegam inclusive a confundir-se com a paisagem circundante (Figura 12).

Nesta *malhada*, o número de *furdas* é muito próximo ao de leitões nascidos em média por ninhada (oito), pelo que através do maior ou menor comprimento destas construções se pode estipular a sua capacidade/intensidade produtivas. Acede-se à *malhada* pelo lado sul, elevando-se a *dobradeira*, desta feita circular e de falsa cúpula, pelo norte. Também de planta circular e em falsa cúpula é o abrigo do *porqueiro*, uns dez metros a noroeste da *malhada* (Figura 13). A necessidade desta estrutura justificava-se nos momentos em que o trabalho de parto da *marrã* se prolongava além do normal,

¹ Veja-se somente em oposição o núcleo de fornos de olaria localizado no Bairro dos Louceiros (Idanha-a-Nova), em que a grande dimensão e formato cónico das abóbadas impossibilitaram a fixação de terra na cobertura, colocando a descoberto o «esqueleto» das *calotas* (Salvado, 2023, p. 129).



exigindo vigilância. Mas também para evitar que a porca, dolorida, calcasse algum filho ou o comesse (Andrade, 1969, p. 69).

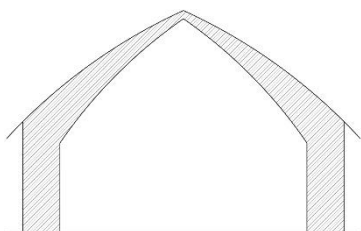


Figura 11 – Diagrama da morfologia predominante. (Salvado, 2023)



Figura 12 – Vista superior da malhada, Salvaterra do Extremo, Idanha-a-Nova. (Salvado, 2024)

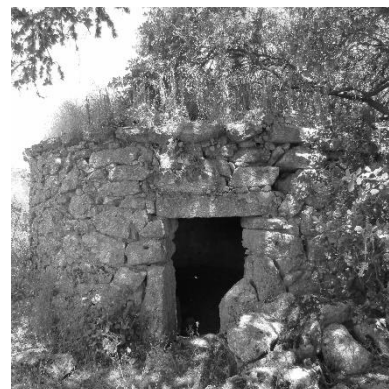


Figura 13 – Abrigo do porqueiro, Salvaterra do Extremo, Idanha-a-Nova. (Salvado, 2024)

Segundo depoimento recolhido em entrevista a José Joaquim Rascão (n. 1946) em 18 de abril de 2023, apesar do *porqueiro* fornecer todos os cuidados aos porcos da vara a seu cuidado e poder residir em espaço adjacente à *malhada*, essas ocorrências não o tornavam o dono da vara. O trabalho de construção de uma *malhada* era comumente solicitado a vários homens pelo proprietário dos terrenos (*patronato*) em que esta se implantava e o guardador de porcos fixado posteriormente. Como gratificação pelo bom serviço prestado, o *porqueiro* podia incluir e manter nessa vara uma fêmea, cuja carne e criação que desse lhe pertenciam. Não era de estranhar, porém, e acontecia amiúde tratadores inconsequentes que desertavam abandonarem a vara no campo.

A última *malhada* inscreve-se junto ao Aeródromo Municipal de Castelo Branco, nos arrabaldes dessa cidade. Virada a sudeste, nas coordenadas 39°50'32"N 7°26'43"W, a estrutura aproveita o declive suave de uma colina muito pedregosa donde terá extraído o granito de que é feita e se insere (Figura 14). Esta forma de implantação, observada já noutros exemplares, além de resguardar os animais da fria nortada, facilitava a higienização da estrutura. Com 39,2 m de comprimento por 7,7 m de largura, a *malhada* é constituída por 40 *furdas* de planta retangular (Figura 15), com a grande particularidade de duas delas, uma em cada braço, serem duplas (desconhece-se, todavia, o porquê). As paredes erguem-se 70 cm desde o chão até ao início da cobertura, originalmente de duas águas. Em avançado estado de ruína, o acesso à construção (a sudeste) encontra-se derrubado pelas raízes dum sobreiro e nenhuma *furda* conserva o seu telhado. Na subida para a *dobradeira* a vegetação adensa-se, tendo mesmo algumas árvores a parcela das *furdas* como canteiros. Neste caso, o *rebolim* comunica diretamente com a *dobradeira*, que se posiciona a noroeste e é flanqueada por um pequeno pátio de recreio com ligação ao exterior por uma interrupção na parede orientada a sudoeste (Figura 16). A casa do *porqueiro*, também a sudoeste, remata o conjunto.

Recentemente, em razão da importância empresarial e turística que a zona onde se implanta esta *malhada* tem vindo a adquirir para o município de Castelo Branco, foi anunciado pela autarquia o direcionamento de 150 hectares de terrenos contíguos ao Aeródromo Municipal para área industrial (Reconquista, 2024. Ed. 4062, pp. 4-5). Por conseguinte, o conhecimento alargado destas construções neste contexto mostra-se essencial para uma incrementação turística bem sucedida, pois elas constituem um fator de distinção regional representativo duma memória coletiva não muito distante,



das formas de ocupação/exploração agrária do território na Beira Baixa e dos próprios métodos de construção em uso no passado, responsáveis e em harmonia com as predisposições dos locais.



Figura 14 – *Malhada*. Contexto, Castelo Branco. (Salvado, 2024)



Figura 15 – *Furdas*, Castelo Branco. (Salvado, 2024)



Figura 16 – Pátio de recreio, Castelo Branco. (Salvado, 2024)

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A falta de referências ou de conhecimento atual acerca da *malhada* de porcos, desinteresse, bem como algum preconceito, poderão ser creditados como os principais motivos da obscuridade desta estrutura nas Histórias da Arquitetura e da Construção portuguesas. Por outro lado, é dado o seu aspeto singular e dispersão restrita ao contexto Ibérico que permitem estabelecê-la enquanto expressão arquitetónica sumamente original do meio e do regime específicos de criação suína em que subsiste por exclusivo até meados do século XX. Apesar do relato de Estrabão referente à abundância de bolota na Ibéria e como essa circunstância poderá ter influenciado diretamente o presto desenvolvimento da criação do porco na região, não é possível estrear as origens da *malhada* em tão distante período histórico. Além disso, é devido à situação em que muitas destas estruturas se implantam, sobre afloramentos rochosos, impedindo a Arqueologia datá-las estratigraficamente, que a investigação não lhes determina uma idade.

Estruturalmente, constatou-se que o tipo de *malhada* em apreço se organiza consistentemente numa planta em «U» constituída por séries de *furdas*, *rebolim* e *dobradeira*, rematado pelo abrigo do *porqueiro* adjacente. A conformação da *malhada* deve-se ao género de porcos nela abrigados (de engorda), sendo que a diferenciação para estruturas ocorre sobretudo ao nível das dimensões, materiais construtivos e opções de cobertura observados em cada uma. A variação no comprimento de cada *malhada* é representativa da sua capacidade produtiva, comportando mais ou menos *furdas*. Nos estudos de caso, a razão varia entre 15 e 39 m de grandeza. Erguem-se maioritariamente isolados em sobreirais, virados para os setores com maior exposição solar, aproveitando os declives de encostas pouco acentuadas. Xisto e granito são as pedras dominantes. Em todas as situações identificou-se o acesso às estruturas pela extremidade meridional, localizando-se a *dobradeira* na parte mais elevada. Como verificado também, o *rebolim* nem sempre comunica diretamente com a *dobradeira*. Além da geometria elementar, articulação simples dos volumes e horizontalidade da estrutura, as células da *malhada*, de planta circular ou quadrada, possuem poucas aberturas, facto que convém e adjuva na criação do ambiente adequado à *ceva* dos suínos. No tocante à cobertura, inferiu-se que a proximidade das construções com telhado de duas águas ao perímetro urbano das cidades (Castelo Branco) nada tem que ver com a preferência por essa configuração. Exemplos como o de Senhora da Azenha, com cobertura de duas águas, embora isolado na paisagem, suportam esse resultado. Por fim, o



revestimento das *calotas* das *malhadas* de falsa cúpula com terra reflete uma adaptação ao meio, que além de propiciar a estabilização da cobertura, também a impermeabiliza.

6 CONCLUSÕES

Este contributo é parte integrante da investigação em curso que tem procurado alargar e produzir novo conhecimento acerca do extenso e diversificado legado arquitetónico de criação porcina existente na Beira Baixa, com destaque pelas construções em falsa cúpula. À *furda* junta-se assim a *malhada*, complexão proto-industrial da engorda extensiva de suínos em regime de «meia liberdade» (misto) que se prolonga até ao Alentejo. A amostra apresentada neste estudo, apesar de reduzida, é indicativa da distribuição geral deste tipo de estrutura no terreno, fixada aqui num raio de 40 km. Ao mesmo tempo, fatores como a falta de menção da *malhada* na literatura compulsada pela pesquisa e o estado de abandono, quando não mesmo ruína, em que se encontram muitos exemplares redobram a necessidade premente de sinalização e inventariação requerida por este património. A par disso, o estudo atesta a singularidade da *malhada* de porcos, tendo em conta o seu feitio inaudito e perante a inexistência, ao que tudo indica, de estruturas suas congéneres no âmbito das construções de falsa cúpula documentadas à escala internacional.

Baseada em análises convencionais e observações ‘in loco’, a metodologia aplicada pela investigação, apesar de comprovada, todavia não possibilita descerrar informação mais técnica sobre a natureza do aprisionamento dos materiais construtivos, quer seja a partir das abóbadas revestidas de terra, quer seja exatamente ao longo da estrutura da própria *malhada*. Concorrerá para o melhor entendimento deste edificado, em trabalhos subsequentes, a incorporação, por exemplo, de tecnologia de varrimento laser, testada com bons resultados no levantamento geométrico de construções em falsa cúpula noutras regiões de Portugal e análises com maior grau de precisão.

Em suma, espera-se que a comunicação retome e dê continuidade aos estudos da falsa cúpula na Beira Baixa, colaborando para o reconhecimento e divulgação duma estrutura em estreita relação com o meio em que se identifica e de apoio a atividades agrossilvipastoris até há pouco tempo em exercício pleno nas zonas de *montado*.

AGRADECIMENTOS

O Autor agradece à Ordem dos Arquitetos (AO) e ao Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora (AFCME), pelo conjunto de imagens cedidas para ilustrar parte desta comunicação. O Autor agradece também à Unidade de Investigação GeoBioTec, pólo da UBI, UIDP/04035/2020 (<https://doi.org/10.54499/UIDP/04035/2020>).

REFERÊNCIAS

- Andrade, A. H. da C. e. (1969). O Porco e seus Produtos. 11.ª ed. Livraria Clássica Editora, Lisboa
- Barros, F. C., Barroso, C. E., Riveiro, B., Oliveira, D. V., Ramos, L. F., Lourenço, P. B. (2016). Arquiteturas de falsa cúpula na região transfronteiriça Gerês/Xurés: Enquadramento e caracterização construtiva in Livro de actas - 2.º Congresso Internacional de História da Construção Luso-Brasileira (1). Rui F. Póvoas, João M. Mateus (eds.), Porto, 493-508
- Barros, H. de. (1942). As Províncias do Norte de Portugal: Minho, Douro Litoral, Traz-os-Montes e Alto-Douro. Sep. do 1.º vol. do Inquérito à Habitação Rural. Gráf. Lisbonense, Lisboa



- Barros, H. de. (1947). Inquérito à Habitação Rural: A habitação rural nas províncias da Beira (Beira Litoral, Beira Alta e Beira Baixa). Gráf. Lisbonense, Lisboa
- Basto, E. A. L., Barros, H. (1943). Inquérito à Habitação Rural: A habitação rural nas províncias do Norte de Portugal (Minho, Douro Litoral, Trás-os-Montes e Alto-Douro). Gráf. Lisbonense, Lisboa
- Basto, E. A. L., Silva, A. de F. e, Silva, C. (2012). Inquérito à Habitação Rural: A habitação rural nas províncias da Estremadura, Ribatejo, Alto Alentejo e Baixo Alentejo. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa
- Deserto, J., Pereira, S. da H. (2016). Estrabão, Geografia. Livro III: introdução, tradução do grego e notas. Imprensa da Universidade de Coimbra. Annablume, Coimbra
- Dias, J., Oliveira, E. V. de, Galhano, F. (1963). Sistemas primitivos de secagem e armazenagem de produtos agrícolas: Os espigueiros portugueses. Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, Porto. <https://doi.org/10.4000/books.etnograficapress.6592>
- Fernandes, L. S., Freitas, A. B., d'Abreu, M. C. (2008). Evolução dos sistemas de produção de porco alentejano e efeitos do aumento de preço dos alimentos compostos na viabilidade económica da actividade in Revista de Suinocultura (78), 54-63
- Löbbecke, R. (2012). Corbelled Domes. Verlag der Buchhandlung Walther König, Köln
- Mestre, V. (2001). Arquitectura Popular da Madeira. Argumentum, Lisboa
- Oliveira, E. V. de, Galhano, F. (1992). Arquitectura Tradicional Portuguesa. Publicações Dom Quixote, Lisboa
- Oliveira, E. V. de, Galhano, F., Pereira, B. (1969). Construções Primitivas em Portugal. Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia, Lisboa. <https://doi.org/10.4000/books.etnograficapress.6228>
- Oliveira, E. V. de, Galhano, F., Pereira, B. (1983). Tecnologia Tradicional Portuguesa: Sistemas de moagem. Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos de Etnologia, Lisboa
- Oliveira, E. V. de, Galhano, F. (1977). Tecnologia Tradicional: Pisões portugueses. Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos de Etnologia, Lisboa
- Oliveira, J. de, Soares, C. de M., Goufa, E., Lovegrove, S. (2018). As construções de falsa cúpula ou chafurdões no contexto da Alta-Idade-Média, na serra de S. Mamede in Scientia Antiquitatis (1), 53-80
- Pratas, J. (1929). Criação do porco na pequena propriedade in Cartilhas do Lavrador, 3. Imprensa Moderna, Limitada, Porto
- Reconquista. (2024). Ed. 4062, Castelo Branco
- Salvado, J. (2021). Arquitectura Popular em Portugal: Tecnologias construtivas tradicionais na contemporaneidade. Dissertação de mestrado. Universidade da Beira Interior, Covilhã
- Salvado, J., Martins, Ana M. T., Nepomuceno, Miguel C. S. (2019). From popular to contemporary: A review on Portuguese vernacular architecture in Proceedings of the 4th International Conference on Preservation, Maintenance and Rehabilitation of Historic Buildings and Structures. Rogério Amoêda, Sérgio Lira e Cristina Pinheiro (eds.), Guimarães, 389-397



- Salvado, J. (2023). O complexo monumental de criação porqueira de Salvaterra do Extremo: Estudo de caso de uma *furda* em falsa cúpula in Atas do 4.º Congresso Internacional de História da Construção Luso-Brasileira. Paulo B. Lourenço, Carlos Maia, Arnaldo S. Melo e Clara P. do Vale (eds.), Guimarães, 127-139
- Távora, F., Pimentel, R., Menéres, A., Filgueiras, O. L., Araújo, A., Dias, C. C., Amaral, F. K. do, Lobo, J. H., Malato, J. J., Pereira, N. T., Freitas, A. P. de, Dias, F. da S., George, F., Gomes, A. A., Antunes, A. da M., Martins, A. P., Castro, C. de, Torres, F. (1961). *Arquitetura Popular em Portugal*. Vols. 1-2. Sindicato Nacional dos Arquitectos, Lisboa
- Tostões, A., Silva, F. J., Caldas, J. V., Fernandes, J. M., Janeiro, M. de L., Barcelos, N., Mestre, V. (2000). *Arquitetura Popular dos Açores*. Ordem dos Arquitectos, Lisboa